

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

ANA PAULA BRUM FARIA

LITERATURA DE CORDEL: UMA “COCEIRA” QUE RIMOU NA TURMA INTEIRA

**Jaguarão
2019**

ANA PAULA BRUM FARIA

LITERATURA DE CORDEL: UMA “COCEIRA” QUE RIMOU NA TURMA INTEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras português/ espanhol da Universidade Federal do Pampa, campus Jaguarão como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras Português, Espanhol e Respectivas Literaturas.

Orientador: Prof. Dra. Aline Neuschrack

**Jaguarão
2019**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

F2241 Faria, Ana Paula Brum
Literatura de cordel: uma "coceira" que rimou na turma inteira / Ana Paula Brum Faria.
47 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Universidade Federal do Pampa, LETRAS PORTUGUÊS/ESPAÑHOL E RESPECTIVAS LITERATURAS, 2019.
"Orientação: Aline Neuschrack".

1. sequências didáticas . 2. gênero literário cordel. 3. estágio de docência . I. Título.

ANA PAULA BRUM FARIA

LITERATURA DE CORDEL: UMA "COCEIRA" QUE RIMOU NA TURMA INTEIRA

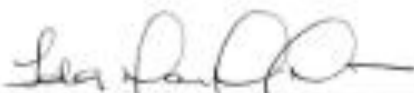
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Português/ Espanhol da Universidade Federal do Pampa, campus Jaguarão, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras Português, Espanhol e Respectivas Literaturas.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 11/12/2019.

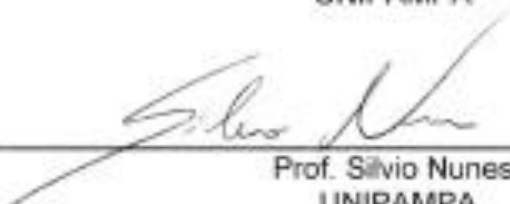
Banca examinadora:



Profª. Drª. Aline Neuschränk
Orientadora
UNIPAMPA



Profª. Drª. Ida Maria Morales Marins
UNIPAMPA



Prof. Silvio Nunes
UNIPAMPA

AGRADECIMENTO

Primeiramente agradeço à Deus por ter me dado saúde e força para superar todas as dificuldades ao longo deste percurso.

À Prof. Dr.^a Geice Peres Nunes, que me proporcionou muitos conhecimentos com o projeto “Oralidade e Fronteira” no qual participei como bolsista e voluntária;

Ao Silvio Nunes que foi fundamental para a elaboração do projeto que culminou neste TCC;

Ao meu esposo Salis Rodrigues, incansável em seu apoio e ao meu filho Leopoldo Rodrigues que estiveram sempre ao meu lado;

Aos colegas de curso Silvana Noda, Lizaine Tardiz, Marilza Madeira e Fabiano Rodrigo Zadresk, que acompanharam desde os primeiros passos da elaboração do projeto até a finalização deste Trabalho de conclusão de curso, apoiando-me em todos os momentos.

À minha orientadora Aline Neuschrnk pelo empenho, dedicação, apoio e confiança, ensinando-me que nesta formação profissional, não somente ensinamos, mas também aprendemos.

E “*In memoriam*” à minha mãe Sueli Cardozo Brum (Dona lara) que foi voluntaria-narradora contribuindo direta e indiretamente no projeto “Oralidade e Fronteira” com seus causos. Seu carinho, força, dedicação e garra, serve-me de inspiração nesta caminhada tanto pessoal quanto profissional.

A todos que de alguma forma ou de outra, fizeram parte da minha formação, o meu sincero agradecimento.

“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”.

Cora Coralina.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo geral relatar sobre a relevância da prática docente/ discente durante o período de estágio da Língua Portuguesa materna. Para isso, apresentarei as problematizações vivenciadas no estágio de docência, no qual pude colocar em prática um projeto pensado na cadeira de Linguística Aplicada ao ensino do Português II que contribuiu significativamente para o desenvolvimento das minhas práticas, no estágio de Língua Portuguesa, que culminou na elaboração de um livro do gênero literário cordel e proporcionou as reflexões apresentadas neste TCC. Das teorias colocadas em prática neste percurso acadêmico, alguns teóricos/escritores e críticos contribuíram para desenvolver e sustentar o objeto de estudo deste TCC, tais como: Antunes (2003); Marchuschi (2001); Leffa (2012) e principalmente Dolz; Noverraz; Shneuwly (2004). Estes últimos apresentam o esquema de sequência didática que utilizei em minhas aulas e levou-me junto com os alunos a elaboração de um livro de gênero literário cordel cultuando e propagando a cultura local/ regional, utilizando como ferramentas lendas e narrativas recorrentes na cidade com materiais autênticos e artistas locais. Após a referida experiência, foi possível comprovar a importância da adaptação do material didático ao contexto dos alunos, especialmente quando se opta por trabalhar com determinados gêneros textuais que não fazem parte do cotidiano deles. Da mesma forma, é necessário que o professor atente sempre para a contextualização dos conteúdos gramaticais trabalhados, a fim de que essa aprendizagem faça sentido para o aluno.

Palavras-Chave: sequências didáticas; gênero literário cordel; estágio de docência

RESUMEN

Este trabajo de conclusión de curso tiene como objetivo general hacer un relato sobre la relevancia de la práctica docente/ discente durante la pasantía de la lengua materna. Para esto, presentaré las problematizaciones vivenciadas en la pasantía de docencia, en la cual pude colocar en práctica un proyecto pensado en la disciplina de lingüística Aplicada del Portugués II, que contribuyó significativamente para el desarrollo de mis prácticas de pasantía, que culminó con la elaboración de un libro del género literario cordel y proporcionó las reflexiones presentadas en este TCC. De las teorías colocadas en práctica en este estudio académico, algunos teóricos/escritores y críticos contribuyeron para desarrollar y sustentar el objeto de estudio de este TCC, tales como: Antunes (2003); Marchuschi (2001); Leffa (2012) e principalmente Dolz; Noverraz; Shnewly (2004). Estes últimos presentan el esquema de secuencias didácticas que me llevó junto a los alumnos a la elaboración de un libro de género literario cordel cultivando y propagando la cultura local/regional, utilizando como herramienta leyendas y narrativas corrientes en la ciudad con materiales auténticos y artistas locales. Luego después de la referida experiencia, fue posible comprobar la importancia de la adaptación del material didáctico al contexto de los alumnos, especialmente cuando se opta por trabajar con determinados géneros textuales que no hacen parte del cotidiano de ellos. Así como es necesario que el profesor atente siempre para la contextualización de los contenidos gramaticales trabajados, a fin de que el aprendizaje haga sentido para el alumno.

Palabras-clave: secuencias didácticas; género literario cordel; pasantía de docencia

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Tabela 1	20
Figura 2 – Tabela 2	29
Figura 3 – Fotografia 1	30
Figura 4 – Fotografia 2.....	31

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 REVISÃO DE LITERATURA	15
2 RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE NO ESTÁGIO DE LÍNGUA MATERNA.....	19
2.1 O primeiro momento em que começou a “coceira” (Literatura de cordel) ..	19
2.1.1 Apresentação DA SITUAÇÃO	22
2.1.2 Produção inicial.....	23
2.1.3 Módulos.....	24
2.2 O dia em que a coceira rimou na turma inteira. (Literatura de cordel).....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS.....	38
ANEXO A.....	46
ANEXO B.....	46

INTRODUÇÃO

A prática docente é um momento de suma importância na formação acadêmica, na qual o aluno/professor desenvolve e coloca em prática o aprendizado obtido na graduação, pois é durante essa etapa que conseguimos enxergar as dificuldades e as oportunidades que o docente enfrenta, podendo, assim, problematizar, identificar e diagnosticar as situações vividas no contexto escolar no qual iremos nos inserir.

Conforme Pura Lucia Olivier Martins,

Nesse sentido, a prática nos mostra que a busca de uma estreita articulação da teoria com a prática inclui uma postura mais radical nos cursos de formação dos professores, baseada na concepção da teoria como expressão de ações práticas, que tem como elemento central a ação dos sujeitos e orienta-se pela sistematização coletiva de conhecimentos, em que o fazer (forma) passa a ser fundamental como elemento educativo. (MARTINS, 1996, p. 90)

De acordo com a citação acima, enfatizo a frase *“em que o fazer (forma) passa a ser fundamental como elemento educativo”*, que relaciono diretamente com a prática por mim experimentada. No estágio, ficou evidente que a troca coletiva de conhecimentos entre professor e aluno é fundamental para chegarmos a um produto final satisfatório a todos. Satisfação não somente na construção de um livro, na execução de uma atividade, na explanação de um conteúdo, mas na construção subjetiva como sujeito operante na educação e no meio social em que nos inserimos.

Portanto, a oportunidade da prática desenvolvida no estágio de docência nos proporciona algo muito mais intenso do que aprendemos dentro da universidade. É algo que vai além da sala, pois em exercício nos deparamos com situações reais e com alunos reais. É nossa responsabilidade inseri-los como indivíduos atuantes, críticos e reflexivos, entendendo a importância de seu papel na sociedade.

Deste modo, o estágio é composto por um conjunto de experiências vividas e adquiridas em um determinado contexto escolar e social o qual passamos a conhecer e entender durante o tempo que passamos dentro da escola. Cada dia que estamos dentro deste espaço, vivenciamos a rotina tanto dos docentes quanto dos discentes que ali se encontram.

Para o professor é importante estabelecer um vínculo interativo com os alunos com muito diálogo e questionamentos. Tornando-se assim um professor mediador/instigador, construindo junto aos discentes o conhecimento, e porque não dizer, o autoconhecimento dos mesmos. Dessa forma, fazendo com que eles possam ir em busca de sabedoria, de forma desafiadora, mas também prazerosa.

Assim, este trabalho tem como foco a reflexão sobre a importância do desenvolvimento de projetos ou pré-projetos elaborados no âmbito acadêmico que possam ser utilizados em algum momento do nosso percurso docente. Projetos estes que normalmente são desenvolvidos em algumas cadeiras ou em atividades de extensão que a universidade oferece.

Além disso, pretende-se com este trabalho relatar a experiência docente da elaboração de materiais didáticos referentes ao gênero textual literário cordel e a produção de um livro desse mesmo gênero com atividades contextualizadas, apontando algumas problemáticas que surgiram no decorrer da prática.

No período em que cursei algumas cadeiras, tive a oportunidade de participar do projeto de pesquisa “Oralidade e Fronteira”, ministrado pela professora Geice Peres Nunes, no qual também fui bolsista. Saliento que, nesta ocasião adquiri algumas habilidades como pesquisadora de campo com as experiências que trocávamos nos encontros ocorridos semanalmente, aprendi muito também com as entrevistas realizadas com os voluntários, podendo assim dizer que foi uma troca de conhecimentos em equipe, dividindo nossos saberes tanto teóricos quanto práticos.

Primeiramente, tudo isso foi possível porque tivemos um bom embasamento teórico com leituras sobre narrativas orais desde seu surgimento até a atualidade. E, com as pesquisas de campo, com as quais desenvolvi habilidades e olhares de um pesquisador que atenta para os mínimos detalhes, como entonação de voz e olhares que se dispersavam ao longe no ato de narrar, ou seja, a performance que o narrador usa ao relatar um fato.

Das diversas oportunidades concebidas ao praticar pesquisa de campo, ressalto que a mais gratificante foi conhecer nossa própria cultura. As narrativas vindas de vozes populares, rurais e urbanas, carregadas de muita simplicidade na fala e expressas poeticamente na sua essência ao narrar, encantavam, não somente a mim, mas todos que participavam do projeto, com os relatos de cada voluntário.

Ao cursar a cadeira de Linguística Aplicada II com a professora Ida Maria Marins, ofertada no currículo acadêmico, em que ela prepara seus alunos para que possam elaborar materiais didáticos, de preferência dinâmicos, contextualizados e autênticos, para serem desenvolvidos em um contexto escolar, tive a oportunidade de elaborar um projeto que trabalharia com literatura de cordel no qual o produto final seria a elaboração de um livro do gênero citado. Mas isso só foi possível porque nessa determinada cadeira, aprendemos a dinâmica de elaborar um projeto que seguisse o esquema das sequências didáticas de DOLZ; NOVERRAZ; SHNEUWLY, (2004)

Ao apresentar o trabalho para a professora Ida Maria, ela deixou uma questão muito importante a ser pensada: *“Caso eu tivesse a oportunidade de colocar em prática tal projeto, como contextualizar os conteúdos exigidos pelo currículo escolar e a produção do livro?”*. Naquele momento, a resposta ficou um tanto vaga, justamente porque dependeria de alguns fatores, por exemplo, em que turmas praticaria a docência e quais conteúdos que estariam sendo exigidos naquele período do ano letivo para essas turmas.

No período curricular acadêmico, passamos por várias disciplinas que favorecem metodologias distintas e determinados referenciais teóricos, nos quais o docente poderá embasar seu planejamento didático. Diante das metodologias estudadas teoricamente, alguns autores foram muito relevantes para a construção do projeto e também na elaboração de material didático, tais como Irandé Antunes, Idelete Santos, Luis Antonio Marcuschi, Joaquim Dolz, Michele Noverraz, Bernard Shneuwly, Vilson Leffa, Pura Lucia Martins, Cristiano Silva de Barros e Elzimar G. de Marins Costa.

O período de prática de docência começou em seguida da conclusão da cadeira citada, apresentando o pré-projeto para a orientadora de estágio Aline Neuschrack. Aprovado, naquele momento, recapitulamos a questão destacada pela professora Ida Maria: como planejar aulas contextualizadas com o objetivo de produzir um livro do gênero literário cordel. No percurso acadêmico tive a oportunidade de conhecer o trabalho de um colega e artista local, Silvio Nunes (Arteiro), que traz uma bagagem artística muito rica em poesias, narrativas orais e cordéis, os quais foram muito úteis para o planejamento do projeto, e, com sua permissão, pude inseri-los na minha prática de docência.

Portanto, o objeto de análise deste trabalho é a elaboração de material didático referente a um gênero textual, neste caso literatura de cordel, o qual fui motivada a desenvolver pelo componente curricular de Linguística Aplicada do Português II.

O objetivo geral deste TCC concentra-se em relatar a importância da prática docente/discente durante o período de estágio da Língua Materna e, sequencialmente, apresentar as problematizações vivenciadas e soluções encontradas neste percurso. Mais especificamente, pretendo:

- a.** refletir sobre a importância da prática docente na formação discente desenvolvida em um curso de licenciatura;
- b.** discutir sobre a construção de material didático adequado ao contexto real de sala de aula de acordo com as necessidades dos alunos, considerando-se as quatro destrezas e habilidades linguísticas exigidas pelos PCNS;
- c.** refletir sobre a importância do cordel como ferramenta didática de propagação da cultura local/regional.
- d.** discorrer sobre a baixa autoestima dos alunos, no contexto escolar, referente às suas destrezas e habilidades.

A prática desenvolvida no estágio e aqui relatada justifica-se por se tratar de uma proposta que objetivou trabalhar com uma literatura pouco explorada. Assim, pode-se de alguma forma contribuir tanto para o fortalecimento deste viés literário aqui na região como possibilitar aos alunos o contato com algo que eles desconhecem e pelo qual conseqüentemente pouco se interessam, neste caso o gênero cordel.

Além disso, foi possível contribuir com a elaboração de material didático para poder explorar o gênero citado. A escassez desse tipo de ferramenta dificulta esse contato, somado à falta de tempo dos professores em elaborar seu próprio material. Então, neste sentido, é que se entende que a prática desenvolvida no estágio contribuiu para tornar acessível um instrumento didático que possa ser usado no contexto em que estamos inseridos.

Em relação à estrutura, este trabalho está organizado da seguinte forma: após a parte introdutória, em que se contextualiza a temática apresentada, bem como seus objetivos e a justificativa, discorre-se sobre o referencial teórico que embasou tanto a prática desenvolvida no estágio de docência como as reflexões apresentadas no relatório de estágio e aqui neste TCC. No qual faz-se um relato sobre o desenvolvimento da proposta de trabalho com o cordel, considerando as motivações

para escolha do gênero, da temática, a construção dos materiais didáticos e as percepções desenvolvidas, tanto por parte da docente como por parte dos alunos envolvidos no processo. Após, delineiam-se as considerações finais, que buscam fazer convergir às reflexões suscitadas tanto no desenvolvimento do estágio aqui comentado como na construção deste relato, aqui apresentado. Por fim, apresentam-se as referências, seguidas dos anexos.

1 REVISÃO DE LITERATURA

De acordo com o que foi visto durante a trajetória acadêmica, é necessário destacar aqui alguns teóricos/escritores e críticos que serviram como aporte para desenvolver e sustentar o objeto de estudo deste trabalho de conclusão.

Primeiramente, destaco Antunes (2003), que em seu livro *Aula de português: encontro e interação*, aponta as principais implicações pedagógicas para que o professor possa elaborar um material didático contextualizado conforme orientados pelos PCN. No decorrer de seus capítulos também aponta a importância das destrezas e habilidades linguísticas: leitura, oralidade, escrita e gramática, que o professor poderá desenvolver no contexto escolar.

No entanto notei que estas implicações propostas por Antunes(2003) assemelham-se de algum modo com o conceito do teórico Marchuschi (2001), que traz em seu artigo *Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco falada*, pontos relevantes os quais também orientam o professor como trabalhar com oralidade e a variação linguística falada e escrita.

Comparando os conceitos apontados por esses dois escritores, compreende-se que se pode sim trabalhar contextualizando os conteúdos sem deixar de ensinar a gramática orientadas pelos PCN de uma forma mais interativa, algo que não se torne tão sistemático. Desta forma, empregar o uso da linguagem formal ou informal em variadas situações agregando e enriquecendo a competência e aprendizagem do aluno.

E para que o professor possa levar o conhecimento para seus aprendizes não basta apenas colocar-se à frente deles, mas sim saber em qual momento deve colocar-se ao lado do aluno, deixando-o frente a frente com o conteúdo. Aponto essa questão baseando-me no conceito que Leffa (2012) aponta em seu artigo *Ensino de línguas: passado, presente e futuro*, relacionado ao importante fato da “invisibilidade” e “visibilidade” do professor e sua transparência em relação aos alunos e os conteúdos, e o quanto esta transparência poderá influenciar no objetivo da aprendizagem. Este método de usar a transparência foi um ponto fundamental em determinadas situações diárias a partir do qual, colocando em prática, pude constatar que o aluno realmente precisa ter o seu posicionamento/espaço para refletir e sugerir formas de abordagem sobre o conteúdo ali apresentado.

A seguir, apresento a forma como foi elaborada e colocada em prática o projeto de construção de um livro de literatura do gênero cordel, com exercícios contextualizados. Deste modo utilizo basicamente o esquema de Sequências didáticas para o oral e a escrita de DOLZ; NOVERRAZ; SHNEUWLY (2004). Este esquema direciona o professor sobre como desenvolver detalhadamente um projeto no qual ele poderá avaliar a evolução de aprendizagem do aluno, tanto no aspecto quantitativo como qualitativo.

Primeiramente, descreverei aqui a proposta da sequência didática conforme os teóricos apresentam em um artigo *Gêneros orais e escritos na escola*, na página 98, e no decorrer do TCC apresentarei também como a desenvolvi. O primeiro passo é a *apresentação da situação*, na qual é descrita de maneira detalhada a tarefa de expressão oral ou escrita que os alunos deverão realizar. Estes, então, elaboram um primeiro texto inicial, oral ou escrito, que corresponde ao gênero trabalhado; é a *primeira produção*. Essa etapa permite ao professor avaliar os conhecimentos prévios dos alunos e ajustar as atividades e os exercícios previstos na sequência às dificuldades reais encontradas na turma.

Além disso, ela define o significado de uma sequência para o aluno, isto é, as capacidades que este deve desenvolver para melhor dominar o gênero do texto em questão. Os *módulos*, constituídos por várias atividades ou exercícios, dão-lhe os instrumentos necessários para esse domínio, pois os problemas colocados pelo gênero são trabalhados de maneira sistemática e aprofundada. No momento da produção final, o aluno pode pôr em prática os conhecimentos adquiridos e, com o professor, medir os resultados alcançados. A produção final serve, também, para uma avaliação de tipo somativa, que incidirá sobre os aspectos trabalhados durante a sequência.

Portanto este esquema de sequência didática teve suma importância para o desenvolvimento do projeto aplicado em minha prática de docência, direcionando-me na elaboração de cada atividade realizada com o gênero literário cordel, este que é pouco trabalhado em salas de aula, levado muitas vezes apenas como suporte para o estudo sistemático da gramática.

Então, a significância de levar o gênero literatura de cordel como ferramenta didática de propagação da cultura local/regional para o contexto escolar reside no fato de que ele possibilita várias oportunidades para o professor que busca desenvolver

com sua turma uma competência leitora interpretativa e comunicativa, contextualizando os conteúdos.

A partir desses fatores que a literatura de cordel nos possibilita, pude também trabalhar outros assuntos como o preconceito, o analfabetismo, tema muito dialogado em classe, devido aos cordéis que lhes apresentava, isso tudo desenvolvido de forma interativa e dinâmica, como realizei no decorrer das aulas ministradas, aproximando o educando do gênero e assim sendo possível apresentar a função social que o gênero exerce.

Levando em consideração a importância de trazer o gênero literário cordel para o âmbito escolar, destaco que foi um trabalho autônomo, mas ao ler artigos para a escrita deste TCC, deparei-me com trabalhos de outros pesquisadores em relação ao gênero cordel, os quais assemelham-se com o que desenvolvi, tanto na metodologia quanto na elaboração do material didático a ser aplicado. Embora os passos para apresentar o gênero aos alunos tenham sido feitos de formas diferentes, os recursos materiais não se diferenciaram tanto, ou seja, a apresentação do cordel em áudio e vídeo, a maneira como são elaboradas as xilogravuras¹, o contato com textos reais e toda essa questão que envolve a criação de um folheto de cordel.

Conforme mencionei acima sobre os pesquisadores que também desenvolveram o trabalho com cordel em sala de aula, os textos que destaco e os que se aproximaram de uma forma ou de outra com minha prática são: *Sequência didática para a leitura de cordel em sala aula*, escrito por Maria Aparecida Garcia Lopes-Rossi; e *O cordel na sala de aula: a ressignificação do ensino de língua portuguesa* de Maria Ribeiro Sousa.

Neste artigo de Lopes-Rossi (2012 p.154), destaco um ponto relevante no qual ela cita: “o trabalho do professor de Língua Portuguesa visando à autonomia do aluno como leitor deve ser contínuo e revela-se bem sucedido à medida que os alunos passam a conhecer uma quantidade cada vez maior de gêneros discursivos diferentes”. Sendo assim, ao trabalhar com o gênero literário cordel, também tive a oportunidade de levar aos alunos uma música regional bem conhecida por eles, para

¹ Xilogravura que é uma técnica de reprodução de imagens, e textos também, que se utiliza de uma matriz de madeira. A matriz é entalhada à mão com um buril ou outro instrumento cortante. As partes altas que receberão a tinta é que vão imprimir a imagem no papel. Disponível em: <<https://paperjermum.blogspot.com/2011/07/cordel-e-xilogravura.html>> Acesso em 15 dez. de 2019.

comparar algumas relações entre um gênero e outro, pois fazendo tal comparação foi notória a semelhança destes gêneros.

Ao ler o artigo de Ribeiro de Sousa, notei que a metodologia desenvolvida por ela no contexto escolar com o gênero literário cordel era semelhante a que eu apliquei na minha prática de docência.

De acordo com Ribeiro Sousa,

Assim busca-se a inserção do cordel no trabalho das aulas de Língua Portuguesa, que ganha especial destaque por abordar um produto tipicamente nordestino em contexto sociocultural, cujas narrativas constituem-se entre oralidade e escrita (SOUZA, 2014. p. 12).

Pois aí está a relevância de trabalhar com este gênero, mesmo que sua origem seja da região nordeste, a vantagem é que ele pode ser adaptado com a cultura local/histórica das narrativas de outras regiões, levando sempre em consideração a sua estrutura e o objetivo que se pretende alcançar, formando leitores conscientes de seu papel na sociedade.

2 RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE NO ESTÁGIO EM LÍNGUA MATERNA

2.1 O primeiro momento em que começou a “coceira” (Literatura de cordel)

Conforme as observações realizadas no início da prática, alguns fatores relevantes contribuíram para a elaboração de um plano didático de acordo com o contexto real escolar.

Primeiramente, destaco o âmbito socioeconômico da turma, digo da escola em si, que está situada em um bairro em que o perfil econômico é de baixa renda, limitando o acesso a alguns direitos sociais e culturais, entre eles leitura, internet, esportes, entre outros. Vale destacar também a faixa etária dos alunos que era em média de 13 a 16 anos e a maioria deles estava cursando pela primeira vez o oitavo ano, apenas dois eram repetentes. Com estas informações pude pensar como elaborar um plano didático em que fosse possível levar para meus alunos algo inovador e diferente.

Então, parti primeiramente dos conhecimentos prévios dos alunos e em um diálogo informal eles relataram não se interessarem por qualquer tipo de leitura. Por essa mesma razão, iniciei o projeto com o que foi elaborado em teoria, ou seja, investigar o quanto e tanto que eles sabiam ou entendiam de literatura de cordel.

Não fiquei surpresa com a resposta, pois os alunos comentaram que nunca ouviram ou tiveram contato com tal gênero, por que, raros são os professores que trabalham com literatura de cordel. Diante desse fator, no primeiro dia de aula busquei a primeira aproximação dos alunos com o gênero levando a eles um texto explicativo sobre onde e quando surgiu a literatura de cordel e que esse gênero literário no decorrer dos tempos foi se adaptando de acordo com as regiões e a época, ou seja, adaptando-se com temas atuais e regionais.

Conforme Santos, o cordel, ou seja, o folheto:

Assim vai o folheto, tradição (ainda) viva e recriação permanente, articulando estreitamente poesia oral, improvisada ou composição, escrito e memória, mostrando a extraordinária capacidade que tem a obra popular de se adaptar a condições de produção e difusão em permanente evolução (SANTOS, 2006. p.78).

Em virtude da citação acima, pensei: porque não levar aos alunos textos com temas e assuntos bem mais próximos a eles, neste caso cordéis de um escritor local,

com o qual eles possam ter contato real, e aproximá-los mais da leitura e da cultura local/regional?

Desta forma então, descrevo, no decorrer deste TCC, como fora pensado e colocado em prática o projeto de elaboração de um livro do gênero literatura de cordel, pensado e elaborado em uma cadeira de LA II, para que futuramente pudesse vir a desenvolver em algum momento de minha passagem pela universidade, no entanto isso foi possível no estágio de docência, alguns semestres depois.

Então, quando surgiu a oportunidade da prática de docência, pude colocar em prática o esquema de sequências didáticas proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly, (2004), neste caso elaborado com conteúdos contextualizados e a construção de material didático adequado ao contexto real e regional dos alunos.

Tabela 1

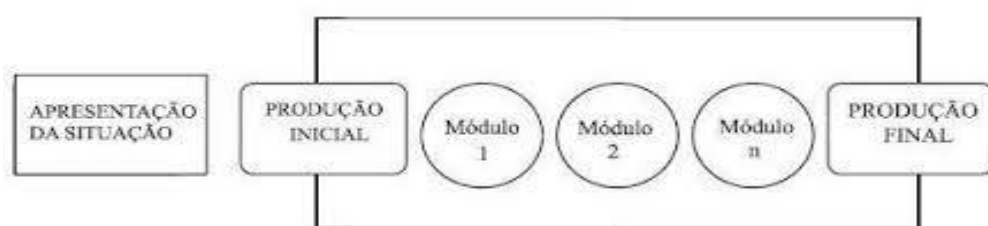


Figura 1: Esquema da sequência didática Fonte: DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY.2004, p. 98.

2.1.1 Apresentação da situação

Antes de descrever detalhadamente como desenvolvi o projeto, gostaria de explicar que a *apresentação inicial* e a *produção inicial* levaram alguns dias para serem aplicadas, pois é justamente nestes dois primeiros passos em que se apresenta o gênero que será abordado, o tema, a proposta e o objetivo final. Foi também nestes dois processos em que, depois que os alunos tiveram a aproximação e conhecimento do gênero, realizaram a primeira produção textual.

Diante deste contexto, conforme DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY. (2004, p 102), “a análise das produções orais e escritas dos alunos guiada por critérios bem definidos, permite avaliar de maneira bastante precisa em que ponto está a classe e quais são as dificuldades encontradas pelos alunos.”

Sendo assim, descrita detalhadamente na apresentação da situação, expus aos alunos a ideia de elaborar um livro semelhante ao do artista local Silvio Nunes e, sequencialmente, apresentei um exemplar do cordel “*O dia que o Pedro Mentira encontrou o Nêgo rastilho no inferno*”, explicando-lhes os elementos que constituem a estrutura do cordel (Nome, Arte, Tema, Autor, Local, Data, Estrofes, Esquema de rimas, Biografia do autor). Aproveitei-me também do momento para falar brevemente do projeto “Oralidade e Fronteira”, do qual faço parte, e qual a sua relevância para a elaboração do livro de cordel e suas contribuições para chegarmos ao produto final.

Sabendo dos conhecimentos prévios dos alunos, iniciei a apresentação do gênero, conduzindo ao primeiro contato com leitura e interpretação de texto, e em sequência o contato áudio visual, no qual puderam ver de forma diferenciada os elementos que constituem o cordel.

Dados esses primeiros passos, pude então direcioná-los sobre o gênero apresentado, ou seja, pedi que pesquisassem narrativas recorrentes na cidade, por via da internet ou na própria comunidade e que levassem impresso ou por escrito na próxima aula.

Pedir para que os alunos pesquisassem foi proposital e de suma relevância, independentemente de onde buscassem as informações, pois com certeza essa interação, entre aluno, pesquisa e comunidade, traria algo de novo para seu aprendizado. Sendo assim, o exercício e o conhecimento não ficam engessados dentro da escola e a interação com as novas modalidades de ensino proporcionam ao aluno uma busca motivadora, além de conhecimento de sua cultura social e histórica.

Neste caso, o conceito dos PCN em relação à interdisciplinaridade e contextualização reforçam minhas palavras acima. Vejamos:

A integração dos diferentes conhecimentos pode criar as condições necessárias para uma aprendizagem motivadora, na medida em que ofereça maior liberdade aos professores e alunos para a seleção de conteúdos mais diretamente relacionados aos assuntos ou problemas que dizem respeito à vida da comunidade. (PCN, ENSINO MEDIO. 2000. p.23).

De acordo com a citação acima, digo que, a seleção dos conteúdos e a interação com textos que falam do cotidiano ou até mesmo as narrativas populares regionais tornam a leitura mais interessante, pois tudo isso aproximam o aluno da sua cultura. Portanto, a proximidade que o aluno tem do seu objeto de estudo, ou seja, as

pesquisas narrativas orais e tecnológicas, o acesso a novas descobertas abre espaço para produzir e interpretar, pois a inclusão de narrativas e textos de artistas locais pode sim incentivar a leitura e conhecimento cultural-histórico local.

Conforme orientado pela escola, levei aos alunos alguns conceitos sobre elementos gramaticais (morfemas), diante desta situação surgiu então uma das primeiras problematizações: como trabalhar contextualizando os exercícios com a proposta da elaboração de um livro, uma vez que, observado pela orientadora Aline Neuschrack, os planos de aula não estavam de acordo com a proposta apresentada, ou seja, os conteúdos não estavam contextualizados.

De acordo com o contexto em que me encontrava, ou seja, a dificuldade pela busca por material didático de gênero cordel, o papel de pesquisadora neste momento foi fundamental. Tracei uma pesquisa detalhada de palavras, significados e inferências textuais de todos os cordéis produzidos por Silvio Nunes, cada estrofe, cada palavra, tendo o cuidado para não utilizar o texto como pretexto para trabalhar a gramática, mas trabalhar cuidadosamente com a contextualização dos conteúdos, tornando-os não sistemáticos e sim comunicativos e interativos, conforme o que ANTUNES (2003) propõe “Uma gramática que seja relevante”:

Para isso, deve selecionar noções regras gramaticais que sejam, na verdade, relevantes, úteis e aplicáveis à compreensão e aos usos sociais da língua. Noções e regras que possam, sem dúvida, ampliar a competência comunicativa dos alunos para o *exercício fluente e relevante* da fala e da escrita. (ANTUNES, 2003, p. 96)

Desta forma, enfatizo que trabalhar com a literatura de cordel encaixou-se perfeitamente neste determinado contexto de docência, pois ao lidar com as narrativas orais, uma situação na qual usamos uma linguagem mais simples, popular, consegui adequar os conteúdos gramaticais, tornando o uso da língua algo social, cultural, histórico e interativo no decorrer das aulas.

Diante desta situação de forma descontraída e interativa, os alunos aprenderam como empregar as figuras de linguagem, conheceram alguns ditados populares, por eles pesquisados, e também tiveram acesso ao site “Palavras Net” indicado por mim, no qual aparecem todas as terminações das palavras pesquisadas, enriquecendo e ampliando suas competências comunicativas e escritas, ajudando-os na interpretação textual e na construção das estrofes.

Com o procedimento acima aplicado, pude observar as condições de interpretação, escrita, nível de linguagem e a oralidade dos alunos, sendo capaz de identificar e avaliar as dificuldades e habilidades apresentadas no decorrer das aulas ministradas.

É interessante trabalhar com o gênero cordel em sala de aula, as vantagens são muitas, conforme vemos a partir da citação de Maria Ribeiro de Sousa:

Voltado para a formação de sujeitos-leitores-críticos o trabalho com o cordel foi desenvolvido na sala de aula com o objetivo de possibilitar a socialização dessa literatura, bem como o (re) conhecimento desse gênero poético pelos educandos e, desse modo, mostrar a vitalização dessa cultura popular e seus valores. (SOUSA, 2014, p.22)

As principais características que a prática de docência me ensinou foi: a valorização da cultura popular por meio de materiais e gêneros literários, neste caso o cordel, saber identificar a competência que os alunos desenvolvem no percurso da aprendizagem dos conteúdos e também a formação de leitores críticos e reflexivos. Desta forma o aluno adquire em sua bagagem algo mais que uma leitura superficial, mas um conhecimento que vai além dos livros, um conhecimento social, histórico e cultural: um conhecimento de mundo.

2.1.2 Produção inicial

Após apresentar o gênero literário cordel para os alunos, o que neste caso levou alguns dias até familiarizá-los com os cordéis do “Arteiro”, citei para eles algumas narrativas recorrentes da cidade. Dado este primeiro passo, com alguns exercícios realizados como leituras orais e uma produção textual de acordo com as narrativas, pude analisar o grau de dificuldade da turma para então poder dar seguimento ao projeto, procedimento relevante segundo DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY. (2004): “Esta etapa permite ao professor avaliar as capacidades já adquiridas e ajustar as atividades e os exercícios previstos na sequência às possibilidades e dificuldades reais de uma turma.” (p. 104).

Com a realização de exercícios de produção textual (conto sobre as lendas de Jaguarão) , pude observar as carências e habilidades dos alunos, dentre elas os erros ortográficos, sendo um dos pontos relevantes que a professora titular pediu para exercitar mais com os discentes e sequencialmente a leitura e interpretação textual, pois a própria professora relatou que os mesmos estavam acostumados com leituras sistemáticas e que apresentavam dificuldades em interpretações textuais.

Por alguns determinados fatores, sociais, ou de aprendizagem, os alunos não percebem que o texto carrega em si algo muito mais além do que meras palavras. O texto carrega consigo um mundo poético, metafórico e inferências, que o leitor/aluno muitas vezes não enxerga, acostumado a ler pela obrigação de fazer leituras sistemáticas para complementar os conteúdos, neste caso a gramática, e a leitura perde o prazer, caindo no desinteresse de todos.

Diante deste e outros fatores, digo que ao trabalhar com variados textos, e outros gêneros possibilitamos aos alunos uma nova visão de leitura, ou seja, abrimos uma brecha para que eles possam ver nas entrelinhas, aguçando os sentidos, habilidades e interpretações. É neste momento em que o aprendiz passa a acrescentar outros conhecimentos à sua bagagem de leitor, tornando-se mais crítico e reflexivo. Foram bem perceptíveis essas mudanças que a leitura proporcionou a eles, algo notado por mim e a professora titular Andréia Rodrigues em conversas e ideias trocadas após as aulas.

É um trabalho um tanto desafiador este de apontar os caminhos pelos quais a leitura nos leva, entre os significados das inferências e proporcionar algo que os alunos ainda não estão acostumados, ou seja, dar voz a esse aluno, refletir sobre o que se está lendo, tratar assuntos diversificados, temas transversais, implícitos e explícitos, isso de acordo com o contexto escolar e real da turma.

Junto aos temas, tais como analfabetismo, racismo, cultura social, variação linguística e entre outros que surgiam no decorrer das leituras e debates, aproveitava-se também para falar sobre a baixa auto estima, buscando sempre incentivá-los com cada progresso que faziam, dando-lhes segurança de que estavam fazendo um bom trabalho, tanto nas produções dos versos do cordel, quanto na interação entre eles, indicando-lhes que estavam no caminho certo.

2.1.3 Módulos

Com os módulos explicarei melhor como se desenvolveram as práticas, onde e quando surgiram problemas e resoluções, os quais me deram a oportunidade de poder estar neste momento aqui relatando esta experiência de docência.

Em cada um dos módulos aplicados colocou-se em prática debates de temas transversais, marcas da oralidade na escrita, leitura oral, interpretação, produção textual, exercícios gramaticais, todos estes trabalhados de forma aleatória conforme surgiam dúvidas e dificuldades.

Sendo assim, seguindo a proposta de DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY. (2004), referente aos módulos aplicados, percebi o quão importante foi propor atividades das mais diversificadas possíveis, dando a cada aluno a possibilidade de ter acesso, por diferentes vias, às noções e aos instrumentos, aumentando, desse modo, suas chances de sucesso com a interação e a produção que realizavam a cada dia dentro e fora do contexto escolar.

Durante o processo de elaboração dos planos de aula, ou seja, os módulos, alguns contratempos surgiram. Primeiramente gostaria de destacar que a busca de material didático referente ao gênero não foi muito acessível. De fato, deparei-me com bons materiais, em sites, nos livros didáticos, porém o que sempre surgia eram temas que não condiziam com o contexto cultural e regional dos alunos e os textos não passavam de mero pretexto para ensinar apenas a gramática.

Os conteúdos que encontrava não abordavam o verdadeiro propósito que eu realmente pretendia passar para os alunos. Na verdade, meu objetivo era bem mais desafiador, neste caso seria fazer com que os alunos apreciassem a leitura, produzissem um exemplar do gênero cordel, recuperassem a autoestima e também, aprendessem sobre sua cultura social e histórica.

Conforme Barros e Costa (2010), em relação à elaboração de material didático para o espanhol, no qual utilizaram o esquema de Sequências Didáticas de DOLZ, NOVERRAZ e SHNEUWLY, percebi que pode ser aplicado também na língua portuguesa e adaptado para qualquer gênero literário, ou com qualquer outro material. Aproveitando-me da experiência de Barros e Costa (2010), adaptei os conteúdos ao contexto real dos alunos, proporcionando uma busca pelo conhecimento social-histórico que até então eles desconheciam.

Vejamos então o que dizem estes autores em relação aos conteúdos que o professor deve eleger as possibilidades encontradas.

É necessário que o professor desenvolva sua autonomia e senso crítico para poder definir aonde quer que seus alunos cheguem: mais importante do que listar os conteúdos que devem ser ensinados/aprendidos é pensar nas atitudes que os alunos devem assumir com relação à língua e às culturas que está estudando. Nessa perspectiva, elaborar um material didático é pluralizar as possibilidades de relações desse aluno com outros mundos (BARROS, COSTA. p. 117).

Nos primeiros módulos praticados, notou-se nas atividades realizadas pelos alunos que a interpretação textual, ortografia, acentuação e a carência de leitura em voz alta eram de fato algumas das dificuldades que a turma enfrentava. Feitas estas observações, toda vez que havia leitura e exercícios, então era necessário que realizassem em voz alta.

O ato de realizar leitura oral, primeiramente, seria com o intuito de desinibir o aluno para eventuais apresentações; segundo, para que eles pudessem entender melhor o que estavam lendo, e fundamentalmente levantar sua autoestima, mostrando-lhes que eles podiam sim apresentar-se diante de qualquer público, pois ao falar para eles que uma das tarefas seria a apresentação oral do livro todos se mostravam incapazes. Este momento foi crucial para eu poder mostrar aos alunos o potencial que eles tinham, mas que não sabiam onde estava e nem como usar, e que esta seria uma oportunidade.

Reforçando o trecho acima, segundo Antunes:

Converter cada momento de avaliação num tempo de reflexão, de pesquisa, sem essas coisas de caçar erros(...) mostrar flexibilidade dos usos da língua deve mostrar que existem diversas maneiras de dizer a mesma coisa, o trabalho do professor valorizar, estimular a formação e autoestima (ANTUNES, 2003. p. 159,160).

Nestes módulos também se fez necessário explicar para os alunos conteúdos gramaticais antes vistos, porém não lembrados, bem como a estrutura das palavras. Desta forma, com palavras selecionadas dos cordéis já lidos, familiarizando-os com algumas que desconheciam, como tarefa, os alunos deveriam classificá-las quanto a sua estrutura, para que pudessem compreender qual seria a função ao compor as estrofes.

Vale destacar que os alunos tinham a liberdade de realizar os exercícios em grupos ou individualmente, formando-os conforme suas afinidades. No entanto, com o decorrer do tempo notei que apenas dois dos alunos não socializavam com os

demais, porém essa atitude era aceita pelos colegas, sendo que não atrapalhava o desenvolvimento de todos, pois mesmo que individualmente estes alunos realizavam os exercícios, tanto escritos como orais.

Neste determinado contexto, destaco uma citação sobre a política da igualdade segundo os PCN:

Uma das formas pelas quais a identidade se constitui é a convivência e, nesta, pela mediação de todas as linguagens que os seres humanos usam para compartilhar significados. Destes, os mais importantes são os que carregam informações e valores sobre as próprias pessoas. Vale dizer que a ética da identidade se expressa por um permanente reconhecimento da identidade própria e do outro. É assim simples. Ao mesmo tempo, é muito importante, porque no reconhecimento reside talvez a grande responsabilidade da escola como lugar de conviver, e, na escola, a do adulto educador para a formação da identidade das futuras gerações (PCN, 2000. p. 66).

Deste modo contextualizado e interativo ocorriam os exercícios e os alunos iam adequando-se com o novo método de ensino e aprendizagem, o que me surpreendia a cada leitura e interpretação que realizávamos, pois imediatamente buscavam inferências textuais ou alguma palavra diferenciada. Em uma dessas leituras a turma deparou-se com a palavra DANTE, então, surgiu um debate entre eles, se era um prefixo ou sufixo, pois bem, depois de discutirem qual a classificação perguntaram-me; neste momento poderia responder-lhes, porém o período estava terminando e deixei a resposta para que eles mesmos investigassem.

Diante dessa palavra citada acima “DANTE” que tanto deixou os alunos em dúvida, trago um trecho da estrofe do Livro cordel de título *Cão que muito se coça é purgatório*, este que causou alvoroço e os levou a investigar a origem da palavra “DANTE”, vejam: O diabo tava enganado/ Nunca que se cai pra cima/ Lá nos caldeirões do inferno/ Fica sempre o mesmo clima/ Um verão que é escalDANTE/ O fim do mal se aproxima

Diante desta situação, acredito que o professor não deve dar todas as respostas, ele deve incentivar seu aluno a ser intuitivo, pesquisador, o docente deve ser mediador, colocando-se na invisibilidade, pois segundo Leffa (2012) nos traz três maneiras de camuflar-se dando voz e autonomia ao aluno:

[...] Na área da educação, podemos argumentar que o professor ao usar a transparência, deixa de se interpor entre o aluno e o conteúdo; pela

camuflagem, disfarça sua presença, misturando-se ao conteúdo; e pela ocultação, põe o conteúdo na frente do aluno, ficando ele, o professor, não no meio, mas do outro lado. A invisibilidade do professor deixará o conteúdo mais visível para o aluno. (LEFFA, 2012, p.405)

Depois de haver explicado e trabalhado desinências e estruturas das palavras, e o motivo pelo qual esses conteúdos estariam sendo aplicados, mesmo assim os alunos relataram não entender como formariam as estrofes. Em análise ao perfil dos discentes percebi que a maioria demonstrava gostar de festas campeiras.

Foi então que em um dos módulos resolvi levar a letra da música *Tordilho Negro* dos Serranos: fizemos uma leitura oral, mostrando-lhes as rimas de cada estrofe. Terminada esta atividade, utilizei a letra da música para compararmos com um dos cordéis já lidos, aproveitando a estrutura e as semelhanças dos dois textos, trabalhamos com os elementos que constituem uma narrativa.

Ao partir para a etapa final faltavam alguns detalhes e nos módulos seguintes trabalhei com a escansão silábica. Para melhor compreensão dos alunos peguei aleatoriamente um exemplar do *Arteiro* e destaquei uma estrofe no quadro, explicando-a com terminações, ou seja, numerando ao lado do verso que ocorreria a rima, na segunda, na quarta e na sexta estrofe.

Por se tratar de um conteúdo desconhecido, o qual os alunos jamais tinham visto, o resultado foi surpreendente, pois alguns aprenderam rapidamente, então aproveitei a oportunidade para formamos uma estrofe. Neste momento os alunos que entenderam inesperadamente dirigiam-se até o quadro e explicavam para os outros colegas. Naquele instante deixei que eles agissem naturalmente e me pus ao lado apenas observando a atitude e a dinâmica com que eles estavam aprendendo.

De acordo com o esquema da sequência didática de DOLZ; NOVERRAZ; SHNEUWLY (2004), apresento logo abaixo os módulos e como foram aplicados e distribuídos os conteúdos programáticos da escola tendo como ferramenta indispensável o gênero literário cordel na contextualização dos exercícios.

Tabela 2

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES	DATAS
Apresentação do gênero cordel.	12/10/2017
Leitura Oral e interpretação textual	13/10/2017
Conteúdos morfológicos (estrutura das palavras, prefixo e sufixo).	15 e 19/09/2017
Leitura oral e interpretação textual, produção textual.	21 e 22/09/2017
Produção textual, métricas e rimas.	26/09/2017
Exercícios com conteúdos morfológicos.	27/09/2017
Continuação conteúdos anteriores, explicação elementos que constituem narrativa, produção textual.	28/09/2017
Elementos estruturais do cordel.	29/09/2017
Conteúdos morfológicos, versos, rimas, estrofes.	03/10/2017
Apresentação Artista local Silvio Nunes.	04/10/2017
Elementos morfológicos, estrutura cordel, rimas.	05/10/2017
Leitura oral e comparativa de gêneros diferentes (texto cordel/música regional), interpretação e produção textual, elementos morfológicos.	06, 10, 11, 17/10/2017
Elaboração das primeiras estrofes com versos rimados (livro), leitura oral dos versos já construídos.	18,19,20, 24,25,26, /10/2017
Montagem do livro (estrofes, capas e páginas)	31/10/2017
Últimos ajustes, revisão das rimas, nº das estrofes, a sequência dos versos	07/11/2017
Apresentação oral dos alunos, livro literário cordel, para convidados e confraternização.	08/11/2017

Fonte: Autora

2.2 O dia em que a coceira rimou na turma inteira. (Literatura de cordel)

Para chegar ao produto final, passamos por várias atividades de leitura, interpretação textual, codificações, conteúdos gramaticais, músicas, vídeos, pesquisas, diálogos e muita interação

Depois de escolher o tema, partimos para a construção das estrofes. Inicialmente, apresentei as primeiras estrofes para os alunos, nelas trazia uma introdução do narrador-personagem, neste caso em se tratando da temática esse narrador era eu, a professora estagiária. Ficou combinado que para as construções das estrofes os alunos levariam sempre para as aulas o material pesquisado, com palavras e os ditados populares, caso fosse necessário usá-los.

Para o rendimento das aulas sugeri aos alunos que fizessem no mínimo duas estrofes de tarefa e a ideia deu certo: alguns apresentavam na aula do dia seguinte, uma ou duas estrofes, pois aproveitávamos melhor os períodos para ajustar rimas e versos. Conforme eram produzidos os versos, sempre que possível o Silvio Nunes,

que foi um parceiro fundamental para o desenvolvimento das atividades, além de se disponibilizar para uma apresentação do seu trabalho artístico para a turma, levando aos alunos muita novidade tais como: leitura, encenação, música, também colaborava no empréstimo de cada folheto de cordel, e de vez em quando me indicava que tema poderia ser desenvolvido pela classe. Também, fazia pequenos ajustes e sugeria algumas ideias incentivadoras nas atividades realizadas com os aprendizes.

De certa forma, logo após a apresentação de Silvio Nunes em sala de aula, os alunos interessam-se bem mais pelo gênero literário cordel, pois de forma interativa e descontraída, Silvio propagou não somente seu trabalho com Pedro Mentira e Rastilho, mas também deixou alguns questionamentos e reflexões para os alunos sobre nossa cultura local/regional, a qual desconheciam até então.

Aproveitando esse momento, apresento abaixo um registro dessa tão esperada visita. Na figura 1, Silvio apresenta seu cordel, e nada mais nada menos um dos protagonistas de seus livros, seu Avô Pedro Mentira, que está presente também no cartaz ao fundo, montado em seu cavalo. A imagem contida neste pôster chamou a atenção dos alunos por ser uma foto real e a explicação sobre a sua origem deu-se por meio de encenação musical de um trecho de um cordel, levando encantamento aos alunos na forma com que conduzia sua apresentação.

Figura 1



Fonte: A autora

Já na figura 2 Silvio Nunes, o artista de cordel, interage com os alunos em uma encenação teatral e musical do livro cordel intitulado “O mistério das abóboras que tinham bunda”.

Figura 2



Fonte: A autora

Aproximar o aluno do gênero em questão, no caso o cordel, tendo a oportunidade de levar para o contexto escolar textos autênticos e reais, e de preferência artistas locais ou regionais, posso assim dizer que foi um passo muito importante para despertar na turma o interesse pela leitura, tanto que sempre perguntavam se o artista havia escrito mais livros e quando iria visitá-los novamente.

Diante destes fatores citados acima em relação à inclusão do gênero cordel em sala de aula, Resende (2005, p. 102) relata que “Hoje se procura resgatar a utilização da literatura popular em sala de aula, não como auxiliar nas primeiras letras, mas como atividade de leitura e valorização da cultura nacional.”. Sem dúvida que a maioria dos discentes estão à procura deste resgate e valorização cultural, é o que temos visto em artigos e projetos por aí a fora.

Sendo assim, as práticas foram ocorrendo rapidamente e, como de costume, um desses dias é reservado para a visita da professora orientadora, uma das questões que preocupava os alunos, pois de vez em quando perguntavam como eles deveriam agir na presença dela. Expliquei que agiriam com naturalidade, do mesmo modo que agiam com a presença da professora titular.

O dia da visita chegou: apresentei a professora Aline Neuschrack para os alunos, ela se sentou ao fundo da sala para observar o desenvolvimento da aula. Como de costume, iniciei a prática com a chamada e logo partimos para a construção das estrofes. Nos primeiros momentos os alunos estavam um pouco tímidos com a presença da orientadora, porém iniciamos os exercícios, ou seja, a

construção das estrofes, e no decorrer da aula eles esqueceram a presença dela. Na tarefa de elaborar as estrofes, em um momento no qual não chegávamos a um entendimento sobre a construção de alguns versos e suas rimas, vi que um dos alunos que estava sentado ao fundo da aula sussurrava algo para a professora Aline: sua atitude me chamou a atenção e fiquei imaginando o que será que ele dizia tão indignado para a minha orientadora. Nesse instante, então, perguntei a ele, que prontamente se levantou dirigindo-se até o quadro, invertendo a ordem do que havíamos construído, o que fez muito mais sentido e contribuiu consideravelmente na composição textual que estávamos fazendo. Neste momento, o aluno sentou-se na frente com os demais e todos participaram da construção do cordel.

Diante desta reação do discente, percebi que trabalhar com o gênero cordel foi uma ótima escolha, especialmente tomando como base a aceitação advinda da turma. Essa possível identificação que os discentes tiveram com o gênero talvez se origine do fato de que este se diferencie dos demais por ser de linguagem popular, vindo de narrativas orais, um contexto de linguagem com o qual eles têm contato direto. Em suma, porque ele traz elementos essenciais para o desenvolvimento comunicativo, aproximando o leitor de suas práticas sociais, e para melhor explicar destaco o conceito de Sousa (2014):

Nesse sentido a literatura de cordel, é um elemento riquíssimo para alcançarmos o letramento, que diz respeito a inúmeras práticas sociais que interagem direta ou indiretamente a produção e a leitura de materiais escritos. É nesse contexto que desejamos acertar nos discentes, possibilitando aos mesmos uma maior visão no sentido de levar a integração leitor-texto, pois, para que essa interação ocorra é impreterível que os elementos constitutivos específicos do poema estejam enraizados no contexto cultural e social do leitor, por isso a inclusão desse gênero discursivo, o cordel, ser aqui destacado como indispensável no currículo escolar (SOUSA, 2014, p. 22,23)

Sendo assim, afirmo que este dia foi muito importante para minha prática, já que a partir dela, em uma conversa com a professora Aline, posterior a este momento, ela apontou-me pontos positivos, sugerindo ideias que eu podia acrescentar nas aulas ministradas para melhor desenvolvê-las. Discutiu-se também a respeito do método com que as aulas eram conduzidas, pois os alunos tinham a liberdade de participar das tarefas e as faziam sem nenhuma imposição. Finalizando, parabenizou-me dizendo que eu estava apta para seguir na profissão

de educadora e professora; mesmo eu sendo principiante nesta carreira, sua experiência na área docente notou minha habilidade com a prática que vinha desenvolvendo.

A vantagem de trabalhar com o gênero cordel em sala de aula é que podemos criar os personagens de acordo com o tema ou conforme o desenvolvimento do enredo. Digo isso porque nas primeiras estrofes, eu era a narradora-personagem, mas, no decorrer de cada módulo que vinha sendo desenvolvido, a cada estrofe que construíamos surgiam outros novos personagens.

Um dos primeiros personagens a emergir nos versos foi nada mais nada menos que Silvio Nunes. Para quem não conhece este personagem esta é uma boa descrição física dele que os alunos fizeram em um dos versos do cordel: *“É o Arteiro, sem cabelo/ Do queixo descabelado/ Faz versos no chuveiro/ Imaginem! Até pelado/ E o monstro do ralo/ Olhava entusiasmado”*. (Anexo A, estrofe 5)

Não mais surpresa com a capacidade de criação dos alunos, estes citavam seus nomes e as rimas corriam soltas nos versos com muita imaginação e criatividade. A cada nome citado, a rima fazia sentido com as características da turma, o que pode ser exemplificado com a estrofe a seguir: *“la os grupos produzindo/E as surpresas vindo aí,/Lucas, Dhione, Eduarda,/O Guilherme e o Amauri,/Mas Que rima arretada/Cada ideia, só faz ri”*. (Anexo A, estrofe 17)

De vez em quando o Silvio fazia a correção da estrutura do cordel, mas chegando em um determinado momento, ele achou necessário não modificar mais, pois estaríamos tirando a autenticidade dos alunos. Depois de algum tempo o artista não teve mais contato com o cordel, pois faríamos uma surpresa para ele, incluindo Pedro Mentira e seu Ramão (Nego Rastilho), personagens históricos e culturais de seus cordéis.

Com a ideia de colocar personagens neste cordel, e pelo rumo em que se encaminhavam as estrofes, também incluímos os nomes de todos os alunos. Além disso, as produções textuais realizadas no início da minha prática de estágio, aquelas que os discentes deveriam elaborar baseadas nas pesquisas de narrativas orais, também fizeram parte das rimas, pois esse material encaixou-se perfeitamente, fazendo parte das estrofes: *“Também tem as nossas lendas/ Que causam alvoroço/Até causos de terror/A morta da corda no pescoço/Credo! Muito assustador/Pura verdade seu moço!”*. (Anexo A, estrofe 8)

Quanto mais produziam, mais ideias surgiam! Para aumentar o vocabulário utilizou-se também os ditos populares. Sem que percebessem, os alunos aprendiam conteúdos gramaticais contextualizados de forma dinâmica e interativa. Desta forma, o cordel criava tamanho e forma. E o principal de tudo isso, o que realmente estavam desenvolvendo com estas atividades: o trabalho em equipe.

Em um determinado momento, porém, notei certa preocupação dos alunos referente aos gastos para a elaboração do cordel, em relação à impressão, de onde conseguir o material, e aí por diante. Eles chegaram a cogitar vender bolos e pizzas para a arrecadação do dinheiro: agradei explicando não ser necessário, enaltecendo a bela atitude de todos. Neste mesmo dia escolhemos um aluno em particular para produzir a capa do cordel, pois ele apresentava habilidade com desenhos: prontamente ele sentou-se no fundo da sala e iniciou o esboço (Anexo B).

Na aula seguinte revisamos o texto, realizamos algumas trocas de versos, acertamos as rimas e percebemos que nosso cordel não tinha título. Analisando cada estrofe, sugeriram muitas ideias, no entanto um dos alunos sugeriu o seguinte: “A coceira que rima na turma inteira”, pois essa tal coceira seria nada mais nada menos que a poesia de cordel, comparada a uma catapora, como vemos nesta estrofe: *“Poesia de cordel/ É igual a catapora/ Dessa coceira que rima/ Eu que não quero melhora/ Essa rima vai pra cima/ Não deixar pra última hora.”* (Anexo A, estrofe 19).

Finalizado o esboço da capa, apresentei para o Silvio, então ele sugeriu que fosse impresso daquele jeito, sem nada mudar, pois o rabisco falava por si só, mostrando as habilidades criativas e a autenticidade do aluno. Nestes últimos dias de prática nos dedicamos somente à montagem do livro; depois de impresso, recortamos e montamos página por página.

Chegado o tão esperado e aflito dia da apresentação, começamos a aula dando início às atividades. Os alunos dividiram-se para colar em lugares adequados em sala de aula sobras de páginas do cordel. A escola neste exato dia estava na semana de provas, então a apresentação foi um tanto particular, com alguns convidados: o convidado especial, Silvio Nunes, a professora titular Andréia Rodrigues e funcionários da escola, como as merendeiras e a secretária.

Iniciei a apresentação no lugar de narradora-personagem deste cordel: não foi preciso pedir para os alunos lerem, ao terminar a introdução cada um fez sua parte. Os convidados, emocionados, nos parabenizaram pela bela apresentação e, para finalizar, entre lágrimas de emoção, tivemos um belo agradecimento de Silvio Nunes,

por tratarmos com tanto carinho e respeito seu trabalho, em especial seu avô, o Pedro Mentira, personagem principal de seus cordéis juntamente com seu Rastilho/ Ramão, personagem não somente dos cordéis, mas de uma cultura histórico-narrativa da cidade de Jaguarão.

Digo que neste dia tive a certeza de um trabalho bem concluído, em todos os sentidos. Primeiramente como realização profissional, pois as metas e objetivos lançados neste percurso de prática de docência foram alcançados, com muito esforço e trabalho em equipe. Segundo como educadora, experiência a partir da qual formamos o caráter dos alunos e refinamos sentimentos de valores morais e sociais, para que possam aceitar e respeitar o outro em todos os contextos em que forem inseridos.

De acordo com o Portal do MEC a formação do professor depende de muitos fatores, dentre os quais destaco a seguir os que considero fundamentais:

Atuar com profissionalismo exige do professor, não só o domínio dos conhecimentos específicos em torno dos quais deverá agir, mas, também, compreensão das questões envolvidas em seu trabalho, sua identificação e resolução, autonomia para tomar decisões, responsabilidade pelas opções feitas. Requer, ainda, que o professor saiba avaliar criticamente a própria atuação e o contexto em que atua e que saiba, também, interagir cooperativamente com a comunidade profissional a que pertence e com a sociedade. (Parecer CNE/CP nº 9/ 2001, p. 29)

Diante da citação acima, a qual indica que o professor deve ter autonomia para tomar decisões, reforço que neste caso o docente também deve ter a autonomia de pensar e elaborar seu próprio material didático, deixando de ser refém do livro didático e criando novos conceitos de ensino através de materiais autênticos e reais. De acordo com Antunes (2003, p.170): “O professor de português precisa conquistar sua autonomia didática, assumir-se como especialista da área, comprometer-se com a causa da educação linguística de seus alunos”. Assim, o docente passa a ter mais consciência do objetivo que pretende alcançar para consigo e com seus discentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de conclusão de curso relato a dificuldade encontrada para obter material didático referente ao gênero cordel e a forma de contextualizar junto aos conteúdos programáticos escolares atendendo as destrezas orientadas pelos PCN. Essas dificuldades foram sanadas utilizando materiais autênticos de um artista local e as lendas colhidas durante o projeto Oralidade e Fronteira. Durante a leitura desses materiais surgiram curiosidades sobre o léxico e isso ajudou a contextualizar os conteúdos exigidos pelo oitavo ano daquela escola.

Os componentes curriculares desenvolvidos durante o curso de Letras, principalmente a de Linguística Aplicada ao ensino do Português II, foram de suma importância para que, na minha prática docente, eu conseguisse refletir sobre a teoria aprendida e como seria colocada em prática.

A sequência didática de DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY (2004) foi um dos instrumentos norteadores para a elaboração dos planos de aula. Começando com a apresentação do gênero cordel e das narrativas orais recorrentes na cidade; em seguida dando a tarefa de elaborarem uma produção textual escrita para analisar o conhecimento prévio dos alunos; para após elaborar os módulos nos quais eu pude desenvolver atividades contextualizadas das quais resultassem no produto final, que foi um livro do gênero cordel com personagens da cultura local/regional criado por eles.

A grande dificuldade de participação dos alunos era a baixa autoestima deles em relação as suas destrezas e habilidades, que foi resolvida com a apresentação do artista local Silvio Nunes, que com sua simplicidade e criatividade instigou os alunos de que qualquer pessoa poderia escrever, bastava querer. Também com a evolução das aulas eles foram percebendo que eram capazes de criar e isso foi lhes dando confiança para a escrita.

Aprendi que é muito importante o professor estabelecer um vínculo com os alunos por meio de diálogos. É necessário despertar a curiosidade do aluno, fazendo relações com acontecimentos vividos para que o professor conheça a realidade do aluno e assim elaborar sua aula com interatividade, dinamicidade e comunicação.

Tive a oportunidade de trabalhar com diversos temas já relatados anteriormente, os alunos em totalidade disseram aprender muito com as leituras e com os assuntos discutidos em sala de aula, principalmente os relacionados ao preconceito, tanto linguístico, quanto social e racial, algo muito delicado para discutir atualmente.

Certamente que precisamos um do outro para concretizar algo ou alguma coisa. A interação, o trabalho em equipe são conceitos que levo nesta bagagem, pois a aceitação da professora titular em receber estagiárias, a ajuda com sugestões, as instruções da orientadora Aline Neuschrack, a incansável disposição do Silvio Nunes para deslocar-se até a escola e fazer a apresentação do seu trabalho com o cordel, a minha participação no projeto “Oralidade e Fronteira” ministrado pela professora Geice foram muito importantes para a minha prática.

Estas pessoas foram fundamentais para que eu pudesse estar aqui agora relatando minha experiência como docente, cada um ajudando-me conforme disponibilidade de tempo e material, para escrever, desde o primeiro passo do projeto de elaboração de um livro de gênero literário cordel, que sequencialmente culminou neste TCC.

Deste modo, digo que este foi um trabalho feito em equipe, no qual pude alcançar meus objetivos, que inicialmente resumiam-se apenas na elaboração do livro, mas a cada aula ministrada percebi que meu propósito ali não era somente a sua produção, havia algo mais para fazer: instigar os alunos à leitura, na busca de conhecimentos para sua aprendizagem, além de promover a autoestima em uma turma que ela própria se considerava a pior da escola.

A grande relevância da prática de estágio posso dizer por experiência, foi que todos somos aprendizes desta grande escola que é a vida, onde devemos primeiramente respeitar o próximo, valorizando cada momento de aprendizagem que trocamos dentro do contexto escolar, podendo assim levar para uma vida inteira essa troca de conhecimento. Sendo assim, chegamos passo a passo a um produto final, não somente a elaboração do livro, mas o maior de todos os aprendizados que é fazer o que se gosta com quem se gosta.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé, 1937. **Aula de português: encontro e interação**/ Irandé Antunes,- São Paulo: Parábola Editorial, 2003- (série aula;1)
- BARROS, Cristiano Silva de e COSTA, Elzimar Goettenauer de Marins. Elaboração de materiais didáticos para o ensino de espanhol. In: BRASIL, Ministério da Educação. **Coleção Explorando o Ensino**. V. 16. Espanhol: ensino médio. (Org.)
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CEB n. 05/2001. **Princípios orientadores para uma reforma da formação de professores**. Brasília, 08 de maio de maio de 2001. Disponível em: <<<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/009.pdf>>>
>>
Acesso em 14/11/2019.
- BRASIL. Secretaria de Educação Media e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)- Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília, 2000. Disponível em: <<<http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/BasesLegais.pdf>>>
Acesso em: 14/11/2019.
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. E Org. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.
- LEFFA, V. J. **Ensino de línguas: passado, presente e futuro**. Rev. Est. Ling., Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 389-411, jul./dez. 2012
- LOPES-ROSSI. M. A. G. **Sequencia didática para a leitura de cordel em sala de aula**. Revista GELNE, v. 14, n. 1 Ed. Esp, p.154, 2012.
- Marcuschi LA. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. In: Dionisio AP, Bezerra MA (Orgs.). **Livro didático de português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna; 2001a
- MARTINS, Pura Lúcia Oliver. Conteúdos escolares: a quem competem a seleção e a organização? In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). **Repensando a Didática**. 29. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2015.
- RESENDE, Viviane de Melo. **Literatura de cordel no contexto do novo capitalismo: o discurso sobre a infância nas ruas**. Dissertação de Mestrado pela Universidade de Brasília – UnB, 2005.
- SANTOS, Idelette Muzart- Fonseca dos. S23 **Memórias das vozes: cantoria, romanceiro & cordel**./ Idelette Mozart- Fonseca dos Santos. Prefácio Armindo

Bião.- Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, Fundação Cultural do estado da Bahia, 2006.

SOUSA, Maria Ribeiro de. **O cordel na sala de aula [manuscrito]: A resignificação do ensino de língua portuguesa/** Maria Ribeiro de Sousa. – 2014. 50 p. : il. Color.

ANEXO A**A COCEIRA QUE RIMA NA TURMA INTEIRA**

1-Uma história aconteceu
Quando teve que estagiar
Na escola a professora
E pensava, apensar
Tenho que instigar os alunos
Do oitavo fazer pensar

2-Presentei pre e sufixo
Eles nada de entende
E fizeram um buxinxo
Calma que vocês vão vê
Isso não é nenhum bixo
Vamos ter que resolve

3- Professora apavorada
Pedi ajuda pro céu
A vizinha dizia:
Os folhetos de cordel
Levou os contos do Silvio
Conteúdos, beleléu...

4-O Silvio apresentou
Poesia alinhadiça
“Nus” Seus contos a rimar
Toda gente, ele atiça
E nos fez imaginar,
Té parece que enfeitiça

5-E o Arteiro, sem cabelo
Do queixo descabelado
Faz versos no chuveiro
Imagem! Até pelado
E o mostro do ralo
Olhava entusiasmado

6- Causos que não conhecia

Um tal de Pedro mentira
Se dizia, não fazia
E tem o negro Ramão
Que foi injustiçado, e
Tinha “leveza” na mão

7-Nego Rastilho bom home
E de muita coragem
Que abria cadeado com a mente,
Uns tiravam vantagem
Com outros ele batia de frente
Com os pobres tinha passagem

8-Também tem as nossas lendas
Que causam alvoroço
Até causos de terror
A morta da corda no pescoço
Credo! muito assustador
Pura verdade seu moço!

9-Toda vez que a gente lê
Nós se sente diferente
Esses versos bem rimado,
Tão mexendo com a gente
Batem na nossa cabeça
Bah, muito mais pior que pente

10-Contente mesmo ficaram
Começando a produzir
As meninas lá da frente:
Nós não vamos conseguir
E ouviram lá do fundão
Nós vamos contribuir

11-O grupo do outro lado
Mais que nem radio de preso,
Que ligado Chegou junto
Deixando todos surpreso
E falar do mesmo assunto
Não vamos ser contrapeso

12-A gurizada do meio

Não quis ficar para trás
Vamos fazer umas rima
E Dar todo o nosso gás
Mostrar pra muita gente
Do que somos capaz

13-E não é que funcionou
Nada melhor que autoestima
Pra uma turma zoeira
Dar a volta por cima
E virar a turma arteira
Que bonita essa rima

14- Ela via nos alunos
Cada dia que passava
A alegria nos rosto
Sementinha que plantava
E sentia muito gosto
Tudo que lhes ensinava

15- Todos dias a gente lia
Um conto diferente
Seu Pedro nas esquinas
Divertindo os vivente
Agora La no céu
Quem diria: todo imponente

16-O rastilho tido por ladrão
Procurado pela policia
Aquele homem fujão
Uma enorme injustiça
Com uma gaita de boca
Sofreu tanta malicia

17- Ia os grupos produzindo
E as surpresas vindo aí
Lucas,Dhione, Eduarda,
O Guilherme e o Amauri
Mas Que rima arretada
Cada ideia, só faz ri

18-As gurias lá da frente
Gabriela, Rafaela

Luciany, sem rimar
Deixaram de churumela
Começaram improvisar
A Lauana dizia surtar

19- Poesia de cordel
É igual a catapora
Dessa coceira que rima
Eu que não quero melhora
Essa rima vai pra cima
Não deixar pra última hora

20-Rithielly, Milene e
Nicaeli, encabulada
Era pouco que entendiam
Das palavras misturada
Não é que se contagiaram
Da (catapora) engraçada

21-Rober, Claudiane,
Luiza, que de gaiato
Pegaram essa coceira
Rimaram de imediato:
No dito -Quem não tem cão,
A rima...Caça com gato

22-Mais perdido do que cego
Quando tá em tiroteio
Gabriel, kauan, Rodrigo
Pra não fazer muito feio
Quiseram participar
Desse tal de garganteio

23-Ryckson, e Vagner
Que de tudo eles se riam
Nem imaginavam que
Do que podiam(sabiam)
Começaram a rimar
Até o que não deviam!

24- O Wilhan, e a Mayara
Acharam uma locura
Quiseram experimentar

E partir pra aventura
Soltaram as suas rimas
Dessa tal literatura

25-E a profe tava achando
Que não ia conseguir
Com a turma bagunceira
Um cordel a produzir
E ficou boquiaberta
Vendo eles interagir

26-Como disse nosso amigo
Sem cabelo na cabeça
Pra ser um rimador
A gente nunca se esqueça,
Não precisa ser doutor
O cordel que permaneça

27-Foi assim que entendi
Pra ser um rimador
Não precisa ter diploma
Nem ser doutor
Pode ser qualquer idioma
Basta rimar com amor

28- Se um dia perguntarem
O que sabem de cordel
Os alunos vão dizer
Que conhecem pra dedeu
Pois, na aula fizemos uma
De tirar até o chapéu

29-Seu Pedro e seu Rastilho
A essa hora lá no céu
Devem estar contente
Os lembramos no cordel
Contos que não são mentira
Nem rimas jogadas ao leu

30- Contos do Pedro Mentira
E contos do seu Ramão
Incentivaram os alunos

Fizeram de grão em grão
Os folhetos de cordel
Mais lindo de Jaguarão

31- A união faz a força
Nós uns verso rimado
Quem diria que um dia
Os alunos encabulados
Produziriam um cordel
Desses bem, do arretado

32- Pra rimar estes versos
Fomos buscar sonoridade
E no meio do trabalho
Encontramos amizade
Com certeza o cordel
Vai deixar muita saudade

ANEXO B

